

## **Colorirá: Infância, Raça e Autopercepção na Narrativa Audiovisual<sup>1</sup>**

Maria Laiany Almeida SANTIAGO<sup>2</sup>

Thayonara Izabel Filgueira GOMES<sup>3</sup>

Daiany Ferreira DANTAS<sup>4</sup>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

### **RESUMO**

O presente trabalho irá abordar aspectos de raça, gênero e infância presentes no curta metragem *Colorirá* (Gabriela Fernanda, 2017), cuja narrativa trata da semana de uma menina negra, às vésperas de realizar a sua foto de registro escolar. Partindo do debate sobre representatividade e raça que tem no cabelo crespo um ritual de transição da infância para a adolescência (HOOKS, 2018), realizamos uma análise fílmica que considera o desenvolvimento da personagem central na narrativa, explorando a questão de como a autopercepção da imagem de mulheres negras pode ser tão fortemente afetada pela imposição de um padrão eurocêntrico de beleza.

### **PALAVRAS-CHAVES**

Colorirá; Raça; Gênero; Identidade; Cabelo afro.

### **INTRODUÇÃO**

*Colorirá* é uma ficção em formato de curta metragem, desenvolvida por Anderson Lopes e Gabriele Fernanda como Trabalho de conclusão de curso (TCC) de comunicação social na Universidade de Brasília. Com duração de 15 minutos, a produção audiovisual que tem como foco central discutir questões de raça e gênero presente na vida de crianças negras, foi exibido no Festival Internacional de Cinema de Realizadoras (FINCAR) em agosto de 2018. O filme reflete a respeito de como o racismo estrutural se manifesta através do preconceito contra o cabelo crespo de uma menina negra.

Ambos negros, os autores buscam refletir o preconceito racial sofrido em suas experiências sociais cotidianas e em suas vivências escolares. *Colorirá* aborda a forma

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 7º período do curso de Comunicação Social (Habilitação em Jornalismo) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Email: laiany.santiago1965@gmail.com.

<sup>3</sup> Estudante de Graduação do 7º período do curso de Comunicação Social (Habilitação em Jornalismo) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Email: thayonaraisabel@hotmail.com.

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social (Habilitação em Jornalismo) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Email: daianyd@gmail.com.

violenta como os padrões de beleza eurocêntricos são apresentados para pessoas negras desde a infância, em especial às meninas, as mais cobradas a cumprirem os padrões estéticos impostos pela sociedade.

A trama se desenvolve em torno dos conflitos de uma menina negra e de seu cabelo crespo. Bia, aos 11 anos, é vítima de preconceito racial diariamente. Às vésperas de posar para a tradicional fotografia escolar do ano, Bia sofre. As experiências adquiridas nas sessões fotográficas dos anos anteriores fazem com que a menina tente fugir do registro de sua imagem.

Ainda criança, a personagem central apresenta os sintomas de alguém que já vivenciou o racismo e rejeita seu próprio corpo, seus traços afro, em especial o seu cabelo. Na tentativa de solucionar aquilo que a menina elege como seu maior problema, a mãe de Bia opta por alisar o cabelo dela. Contudo, mesmo depois desse procedimento, a criança continua a sofrer preconceito na escola.

O filme enfatiza as relações sociais de Bia em seus principais ambientes de convívio. Além de pautar a interação familiar da personagem central com sua mãe e irmão mais novo, *Colorirá* também mostra como se dão os principais conflitos da menina negra no ambiente escolar. Pois, apesar de ser um espaço reservado para o desenvolvimento intelectual, é nesse ambiente que pessoas negras começam a sentir o racismo institucional presente na sociedade. Sabendo disso, os autores trataram de representar as diversas formas de agressão racial em um ambiente que, em teoria, é feito para incentivar a diversidade.

Bia é vítima do preconceito dos colegas e de seus professores. Somado aos fatores de raça, a identidade de gênero provoca na personagem uma pressão ainda maior sobre suas características físicas. Enquanto Bia padece ao observar suas fotografias espalhadas pela casa, seu irmão mais novo, Luan, um menino negro de sete anos, contenta-se por identificar fisicamente com jogadores famosos de futebol.

Diante disso, o curta *Colorirá* traz essa proximidade entre a cobrança de uma beleza única e superior, imposta às mulheres negras desde sua infância, e o sentimento de rejeição ao não encontrar-se no que o outro aceita como belo, tendo suas características físicas repetidamente ridicularizadas por serem mulheres, sobretudo negras.

Tendo em vista as questões abordadas na obra, o artigo tem o objetivo de discutir a relação entre preconceito racial, estética e representatividade, com enfoque sobre como pessoas negras sofrem diferentes formas de agressão física e mental, seja por não se verem

no padrão de beleza imposto ou por se sentirem constantemente ridicularizados por seus traços, levando-as a tentar deixá-los o menos aparente possível, para assim se aproximarem da representação do belo socialmente aceita.

## **A MULHER NEGRA: UM OUTRO NO CINEMA?**

Ao ter a experiência de assistir a qualquer obra que seja, o espectador cria uma relação entre si mesmo e o que está sendo apresentado na tela, podendo se ver – ou não – em um personagem, cena ou representação específica. Esse processo, naturalmente, relaciona-se com as características próprias de quem assiste, por meio de pertencimentos ou não a categorias tais como gênero, raça ou classe é que a visão do espectador tomará forma, principalmente se avaliar uma obra criticamente.

Mediante as representações incômodas da mulher no cinema, o movimento feminista abriu-se para discutir o falocentrismo que regia a imagem feminina construída de uma forma que, por vezes, feria mulheres. Com base nisso, Laura Mulvey (1983) afirma que:

“O homem controla a fantasia do cinema e também surge como representante do poder num sentido maior: como o dono do olhar do espectador, ele substitui esse olhar na tela a fim de neutralizar as tendências extradiagéticas representadas pela mulher enquanto espetáculo.” (MULVEY, 1983, p. 445).

Porém, apesar da discussão de gênero em obras cinematográficas, ainda não era a vez para mulheres negras. Não se podia discutir a imagem da mulher desejada produzida através do olhar masculino a partir de um ponto de vista racial, pois esse olhar de cobiça não era voltado para mulheres negras.

É Hooks (2018b) que vai avaliar a questão do repertório cinematográfico sobre as mulheres negras, nos anos 1990. Em seu texto sobre o olhar opositivo e as espectadoras negras, ela debate que nas telas de cinema, as mulheres negras não existiam para serem atraentes, sua posição era de servir aos brancos, de serem boas empregadas e babás, ou de serem figuras que não deveriam despertar afeto no público, por suas personalidades problemáticas. Dessa forma, as espectadoras negras não são reféns apenas do olhar de superioridade masculino, mas também do racismo que as coloca abaixo de outros, como se mulheres negras nem mesmo fossem dignas de representação.

O padrão estético apontando como superior pela sociedade recai mais fortemente sobre pessoas negras, rejeitando traços como seus narizes, lábios, cabelo e cor de pele. Quando se trata da feminilidade socialmente implantada e exigida, mulheres negras passam a ser as principais vítimas desses padrões, submetendo-se a diversos procedimentos que são nocivos não só fisicamente, mas também mentalmente. Em seus estudos, Bell Hooks (2018) alega que:

“Em inúmeras discussões com mulheres negras sobre o cabelo, ficou constatado um manifesto de que um dos fatores mais poderosos que nos impedem de usarmos o cabelo sem química é o temor de perder a aprovação e a consideração das outras pessoas.” (HOOKS, 2018)

As espectadoras negras acostumaram-se a não se ver nas protagonistas, nas personagens fortes ou mesmo nas mulheres desejadas, tendo sua imagem constantemente relacionada à servidão ou de outras formas completamente estereotipadas, como forma de fortalecer a supremacia branca, o que fazia com que as espectadoras negras olhassem para si mesmas e não se reconhecessem nas poucas representações que viam de si na TV ou cinema.

Se não estavam representadas de forma distorcida, mulheres negras não estavam na mídia. A falta de representatividade serviu como forma de silenciar essas espectadoras, que se viam como algo fora daquele universo, seu silêncio foi a resposta para à negação cinematográfica da negritude feminina (HOOKS, 2018b). Nesse contexto, não havia prazer em assistir filmes que ignoravam sua presença, a presença da mulher negra. Segundo Bell Hooks (2018):

Com a possível exceção dos primeiros race films, as espectadoras negras tiveram de desenvolver relações de olhar com o contexto cinematográfico que constrói nossa presença como ausência, que nega o “corpo” da mulher negra com o intuito de perpetuar a supremacia branca e, com ela, a espetatorialidade falocêntrica na qual a mulher a ser olhada e desejada é “branca” (HOOKS, 2018).

A presença da mulher negra não servia para elas mesmas, mas sim para os outros, como Bell Hooks afirma, a mulher negra estava presente para contrastar com a obsessão pela branquitude das estrelas do cinema, para manter clara a separação entre a mulher desejada e a “outra” mulher negra. Novamente, a imagem da negritude era usada para enaltecer ainda mais o predomínio dos brancos.

Mais do que a distorção da mulher negra para o público em geral, suas representações estereotipadas também serviam como uma forma de agressão para as

espectadoras negras, que não se sentiam e não gostariam de ser como as personagens que carregavam suas imagens. A percepção de que não havia espaço para mulheres negras no cinema também violentava as espectadoras negras.

Em seu ensaio, Hooks (2018b) ressalta ainda que ir ao cinema então, aos olhos das espectadoras negras, não era igualmente prazeroso como para outras pessoas. O olhar crítico não permitia que as obras cinematográficas fossem vistas da mesma forma que para todos, não havia identificação por parte das mulheres negras, a mulher que gostariam de ver não estava no que assistiam, a diferença racial estava cada vez mais clara, como uma forma de ditar qual o lugar esperava-se que a mulher negra continuasse ocupando.

As formas de violentar mulheres negras – direta e indiretamente – fez com que nascesse uma resistência nessas espectadoras, em seu olhar crítico predominam seus julgamentos de obras cinematográficas e cuja ausência não pode mais ser ignorada ou bem aceita. No entanto, quando a mulher negra é retratada em filmes, a crítica então não parte mais de sua presença negada, é possível analisar outros aspectos. E quanto mais essa imagem feminina da negritude se faz presente, mais se abre espaço para discussões de gênero e raça, dando uma nova visão cinematográfica não só às espectadoras negras, mas também ao público em geral.

Baseado em suas próprias características e ideologias, cada espectador faz uma leitura diferente de determinada obra, o que faz com que, para muitos, a presença da mulher negra não seja tão importante tanto quanto para outros, porém, é também com esse pensamento que essa presença se faz cada vez mais necessária, como uma forma de gerar consciência coletiva não só de questões relacionadas a gênero, mas também à raça.

## **CORPO NEGRO, CABELO AFRO E O PERCURSO DO RACISMO**

Embora muitas mudanças tenham ocorrido 131 anos após a última lei abolicionista do ocidente, a população negra e sua cultura continuam vítimas da sociedade supremacista branca. A valorização da cultura eurocêntrica e os resquícios da colonização de exploração induzem o sujeito negro à desconstrução de sua identidade. É comum a tentativa de homens e mulheres negras tentem apagar os traços de negritude presentes em seus corpos e cultura.

Submeter-se à procedimentos estéticos para tentar imitar as características física de pessoas brancas é uma ação corrente entre pessoas de ascendência afro. Em países

africanos, o uso de creme para clarear a pele é bastante popular. Contudo, cumpre ressaltar que a tentativa de apagamento de traços negróides realizada por pessoas de ascendência afro é decorrente do racismo e opressão estética de seus corpos.

Levando em consideração o patriarcalismo e a racismo presentes na sociedade, entende-se que essas cobranças estéticas recaem principalmente sobre a população negra do gênero feminino. Sendo o cabelo um dos principais signos de feminilidade construídos pelo patriarcalismo, e o cabelo crespo um dos traços físicos mais característicos do povo negro, a mulher negra é, conseqüentemente, duplamente vulnerável em seu contexto social.

Apesar dos diversos avanços nas políticas raciais e de gênero, segundo Bell Hooks (2018):

“[...] às mulheres negras continuam obcecadas com os seus cabelos, e o alisamento ainda é considerado um assunto sério. Insistem em se aproveitar da insegurança que nós mulheres negras sentimos com respeito a nosso valor na sociedade de supremacia branca!” (HOOKS, 2018).

Em “Alisando o nosso cabelo”, ensaio publicado pela teórica do feminismo negro e ativista social Bell Hooks em 2018, a autora pauta narrativas das mulheres negras em processo de alisamento de seus cabelos crespos ou cacheados e analisa suas próprias vivências enquanto menina negra e seus desejos de alisamento. Para a autora:

Dentro do patriarcado capitalista – o contexto social e político em que surge o costume entre os negros de alisarmos os nossos cabelos –, essa postura representa uma imitação da aparência do grupo branco dominante e, com freqüência, indica um racismo interiorizado, um ódio a si mesmo que pode ser somado a uma baixa auto-estima (HOOKS, 2018).

No texto, a autora refere-se aos encontros de mulheres em espaços de alisamento de cabelo como ritual, pois esses momentos íntimos ocorriam em espaços privados e fortaleciam os vínculos sociais femininos. Enquanto criança, a participação das meninas negras resumia-se à observação, e com ela crescia o desejo de imitar as ações das mulheres mais velhas. De acordo com Hooks, poder alisar o cabelo era estar na condição de mulher. Ao ser liberada pela mãe para a prática do alisamento, que geralmente acontecia aos sábados, Hooks relata: “Eu regozijejei de alegria quando a minha mãe finalmente decretou que eu poderia me somar ao ritual de sábado, não mais como observadora, mas esperando pacientemente a minha vez” (HOOKS, 2018). Para ela e

demais meninas negras observadas em suas vivências, passar o pente quente não estava ligado ao processo de embranquecimento, mas ao distanciamento da fase infantil.

Para Bell, alisar o cabelo é:

um gesto que mostra que estamos nos aproximando da condição de mulher [...] Antes que se alcance a idade apropriada, usaremos tranças; tranças que são símbolo de nossa inocência, juventude, nossa meninice. Então, as mãos que separam, penteiam e traçam nos confortam. A intimidade e a sina nos confortam (HOOKS, 2018).

A pouca interação com pessoas brancas, proveniente da segregação dos anos cinquenta nos Estados Unidos, tornava fácil a desvinculação do desejo de alisar o cabelo à branca. Mas, o movimento ativista negro dos anos sessenta trouxe a consciência sobre o alisamento e provocou a população negra americana a refletir sobre suas atitudes de conformidade com a supremacia branca da época. Então, os penteados naturais como o *black power* entraram na moda como um símbolo da militância negra. Contudo, quando as mudanças revolucionárias sociais almejadas pela militância negra não foram realizadas, os mesmos negros e negras que haviam aderido aos penteados afros voltaram ao alisamento capilar. Mas, agora totalmente conscientes de que essa atitude era uma tentativa de tornar-se menos negros.

Agora, o procedimento estético de alisamento das mulheres tinha perdido o caráter ritualístico e de fortalecimento do laço social feminino e passou a ser só um método estético que leva às mulheres negras a possibilidade de imitar os traços físicos de mulheres brancas para sentirem – menos oprimidas socialmente. Em seu texto Bell relata que:

Em inúmeras discussões com mulheres negras sobre o cabelo, ficou constatado um manifesto de que um dos fatores mais poderosos que nos impedem de usarmos o cabelo sem química é o temor de perder a aprovação e a consideração das outras pessoas (HOOKS, 2018).

O receio da rejeição social tem se apresentado cada vez mais cedo às pessoas negras. O racismo estrutural manifestado através do desprezo aos cabelos afros, crespo ou cacheado, é apresentado principalmente às mulheres negras desde a infância. Antes mesmo dos ritos de alisamento, geralmente iniciados na transição da infância para a adolescência, a manipulação da natureza de cabelos afros inicia-se na infância com o uso das tranças ou penteados que controlem o volume característico destes.



Portanto, os conflitos e o comportamento da mulher negra com relação ao seu cabelo parte das várias maneiras de representação de seu corpo e cultura no contexto social patriarcal e racista no qual está inserida. Com isso, compreende-se que a imagem estereotipada construída socialmente sobre um grupo social interfere de maneira pessoal na vida de um sujeito.

### ***COLORIRÁ: A CORAGEM DE EMPRETECER.***

O curta *Colorirá* gira em torno do drama de Bia em seu contexto social supremacista branco, onde a falta de representatividade e a aceitação social de sua imagem provoca a auto distorção de sua identidade. Nessa perspectiva, os conflitos giram em torno da personagem principal, cujo desejo é a aceitação social e auto aceitação. Até seu objetivo ser alcançado, a protagonista enfrenta as fases narrativas “de perturbação, luta e eliminação do elemento perturbador” (BORDWELL, 2005), neste caso, o racismo praticado pelas pessoas de seu convívio.

A trama inicia com a expectativa negativa sobre a sessão de fotos escolares programada para o dia seguinte. Proveniente de experiências traumáticas vividas em momentos similares, a personagem central sofre com a ideia de passar novamente pelo mesmo processo de negação de suas características afros.



Figura 1: *Colorirá*. 2017. Fonte: Captura da tela.

A opressão estética sofrida por Bia durante toda sua vida faz com que a criança de 11 anos internalize os estereótipos representados socialmente sobre sua negritude, devido a isso, a personagem rejeita seu próprio cabelo, tornando o momento da foto uma



forma de violação de sua identidade. Os comentários negativos acerca de seu cabelo, reproduzidos por sua professora e colegas, geram em Bia o desejo de apagamento de suas características físicas, no intuito de aproximar-se do padrão eurocêntrico de beleza.



Figura 2: Colorirá. 2017. Fonte: Captura da tela.

Pessoas de descendência afro são vítimas de preconceito durante atividades cotidianas banais. Ao reunir-se com a família para ver TV, Bia não se vê representada, para identificar-se com a personagem branca do comercial, a protagonista de cabelo crespo usa uma toalha para simular o cabelo liso e comprido que deseja possuir. Em um de seus textos, Bell Hooks expõe os relatos de algumas de suas alunas negras:

Em seus escritos, minhas alunas negras descrevem o uso de mechas amarelas em suas cabeças quando eram meninas, para fingir cabelo comprido e loiro (...) Na vida cotidiana, vemos cada vez mais mulheres usando química para ter cabelo liso e loiro (HOOKS, 2018).

Compreende-se que os desejos incutidos em mulheres negras na infância perpetuam na fase adulta de suas vidas, causando impactos mentais e físicos, o que faz com que essas submetam-se à procedimentos agressivos para alcançar os anseios de torna-se menos negras.



Figura 3: Colorirá. 2017. Fonte: Captura da tela.

Em transição da fase infantil para a adolescência, Bia passa por cobranças externas e internas sobre o seu corpo dotado de características afro, que a induzem ao processo de alisamento do cabelo. Em sua vivência como mulher negra, a mãe da protagonista dá apoio à filha para que ela passe por procedimentos químicos nocivos que acredita que a tornarão um alvo menos frequente da discriminação racial, como uma tentativa de distanciá-la das agressões físicas e psicológicas sofridas em sua própria infância.



Figura 4: Colorirá. 2017. Fonte: Captura da tela.

Após mais um abuso sofrido na escola, Bia reage e é penalizada. Voltando para casa na companhia de sua mãe e Jacqueline, estagiária de seu colégio, através do olhar da protagonista, evidencia-se sua admiração pelo cabelo natural de Jacqueline, despertando a identificação e aceitação do cabelo da outra interferindo na relação com seu próprio cabelo. Bia preencheu uma lacuna interna causada pela falta de representatividade. No dia seguinte, a protagonista decide aderir à naturalidade de seu cabelo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da narrativa do curta, é possível lembrar sobre como a falta de representatividade da negritude associada aos padrões de beleza, em seus diferentes aspectos, gera o sentimento de exclusão nos que não conseguem manter essa proximidade com o que é imposto, tendo início na infância e se prolongando pelas seguintes fases da vida. Ao não se reconhecer em um padrão socialmente imposto, o indivíduo se sente forçado a se submeter a padrões estéticos que, por vezes, são nocivos, acontecendo mais frequentemente com as mulheres, que desde cedo precisam se moldar dentro de uma feminilidade construída aos olhos de outros, que reforçam a insegurança e baixa

autoestima em meninas que não conseguem seguir um padrão estético que lhes é apresentado como “obrigatório” ao longo de seu desenvolvimento físico e mental.

Seja na escola, trabalho, na rua, na mídia ou até mesmo dentro de suas próprias casas, não há um incentivo ou mesmo abertura para que mulheres negras passem a cultivar sua beleza sem se basearem e se compararem a padrões eurocêntricos. Como se estivessem em uma prisão, em alguns casos, mesmo conscientes do quanto determinados procedimentos farão mal a si mesmas, essas mulheres continuam reféns, muitas delas iniciando desde cedo, acompanhadas também de mães negras que passaram pelos mesmos sentimentos de rejeição e inferioridade.

A ausência de autoestima está ligada também à forma como a mídia constrói e reforça padrões de beleza inalcançáveis do ponto de vista da negritude. Mulheres negras acostumaram-se a não se verem nos anúncios, na televisão ou no cinema, isso não só molda a forma como outras pessoas veem pessoas negras, mas também a forma como essas mulheres veem a si mesmas, a imagem que constroem de si mesmas em relação ao outro.

Por muitos anos, a ausência da mulher negra e suas representações estereotipadas tem servido também como forma de agressão às espectadoras negras, reforçando maneiras de desumanizá-las e desvalorizá-las. Há barreiras no prazer cinematográfico para aquelas que não conseguem se identificar com o que veem, o que contribui para a distorção de sua autoimagem e baixa autoestima. É nesse contexto que se pode identificar a importância do curta *Colorirá*, no qual, além da presença de uma protagonista negra, há também questões presentes e marcantes na vida de outras meninas negras.

*Colorirá* serve como colaboração para a discussão sobre gênero e raça. Com uma linguagem simples, o curta abre um espaço para reflexão em públicos de diferentes idades, que acompanham Bia em um momento que para alguns poderia ser comum e rápido, mas, para uma garota negra, vai além disso. O processo da protagonista de aceitar a si mesma, de reconhecer sua beleza mesmo não estando no padrão estético socialmente imposto, pode ser visto como um momento libertador e crucial na vida de muitas outras mulheres negras, que por muito tempo não puderam se identificar com o que viam na mídia.

A produção audiovisual com foco central nas narrativas de preconceito racial expressada através discriminação do cabelo afro são importantes para a conscientização e valorização das características físicas e culturais da população negra. Analisar os atritos

personais e sociais vivenciado por uma menina por meio de uma produção cinematográfica auxilia na quebra dos estereótipos e invisibilidade da população negra, mas em especial dos seres sociais do gênero feminino.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDWEEL, David. O cinema clássico hollywoodiano: normas e princípios narrativos. In: RAMOS, Fernando Pessoa (org). **Teoria contemporânea do cinema**. Vol. 2. São Paulo: Editora Senac, 2005.

HOOKEs, Bell. **Alisando o Nosso Cabelo**. Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Disponível em: <<http://coletivomarias.blogspot.com/.../alisando-o-nossocabelo.html>> Acesso em: 06 de abril de 2019.

HOOKEs, Bell. **“O olhar opositivo – a espectadora negra”**. Tradução publicada no site Fora de Quadro, 26 de maio 2017. Disponível em: <<https://foradequadro.com/2017/05/26/o-olhar-opositivo-a-espectadora-negra-por-bell-hooks>> Acesso em: 06 de abril de 2019.

MELO, Anderson. PEREIRA, Gabriele. **Colorirá**. Brasília, 2017. Disponível em: <[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/19667/1/2017\\_AndersonLopesdosSantosdeMelo\\_GabrieleFernandadeAbreuPereira.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/19667/1/2017_AndersonLopesdosSantosdeMelo_GabrieleFernandadeAbreuPereira.pdf)> Acesso em: 08 de abril de 2019.

MULVEY, Laura. Prazer Visual e cinema narrativo. In: XAVIER, Ismail. (Org.). **A experiência do cinema**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1983.